

A black and white photograph of a concert stage. In the foreground, a musician is playing an acoustic guitar. The background is filled with bright spotlights creating a hazy, atmospheric effect. The text is overlaid on a dark, semi-transparent rectangular area in the center of the image.

ANSELMO RALPH de A a Z

Sobre a vida
e outras coisas



ADMIRAÇÕES

Tenho muitas. Um artista que admiro é o Will Smith, não só pela sua capacidade e talento mas também pelo comportamento dele. No meio da fama de Hollywood, e até mesmo em termos musicais, que foi como ficou conhecido antes de ser aclamado como ator, ele soube conservar até hoje a mesma mulher, a mesma família, e é um artista com valores morais. Esta é uma das coisas que eu gosto de imitar, não em termos artísticos, mas em termos pessoais, de vida. Ele é daqueles artistas que tem cuidado com aquilo que diz e não arranja problemas.

Também gosto muito do trabalho da Lauryn Hill, cantora de *hip hop*, *rap* e *R&B*, tantas vezes premiada nos Estados Unidos. Gosto especialmente do álbum *The Miseducation of Lauryn Hill*, onde há bastante conteúdo moral sem que se torne aborrecido. Tanto as pessoas como os autores e cantores deviam voltar a interessar-se por músicas com estética e ética. A música dessa artista, tendo o conteúdo que tem, não deixa de ser curtida e dança-se bem, mas com a vantagem de existir uma mensagem naquelas letras. Admiro-a muito por esse trabalho.

Admiro o Bob Marley pelo que significou na Jamaica: promoveu reconciliações políticas, juntou opositores, defendeu a Jamaica com unhas e dentes. Numa certa altura começou a ter grande sucesso fora da Jamaica, mas não virou as costas ao problema do seu país. Eu admiro também o Michael Jackson, mais por questões de entretenimento artístico. Não o conheci muito, ele era muito reservado, mas como *showman* sempre me despertou muita admiração, e sempre achei que a coroa de *king* do *pop* estava bem entregue.

O engraçado é que começo a perceber que nesta rápida lista, de improviso, não citei nenhum angolano, mas tenho admiração por muitos. Sendo honesto comigo mesmo, de África sou fã mesmo é do Mandela, ele é o protótipo perfeito do herói nacional e internacional; admiro bastante o nosso Agostinho Neto, por ter sido mentor da minha terra Angola e pela sua ligação às artes, pois era um poeta de mão cheia.

ÁFRICA

O angolano é muito camaleão. Se estiver no Brasil vai parecer brasileiro, nos Estados Unidos vai querer ser um americano, e em Portugal poderá até ser confundido com um português. O zaireense ou congolês é congolês, a imagem que tem no Congo é a mesma que vai ter no resto do mundo, por mais que tente parecer o contrário.

Hoje, mais do que nunca, eu sinto orgulho de ser africano, e quando me perguntam de onde sou, digo-o orgulhosamente. Nunca neguei que era, mas já o disse com menos convicção, com menos orgulho. Agora, já crescido e com sucesso, podia responder isto ou aquilo, mas tenho orgulho de dizer que sou de Angola, que sou africano. Nós, que vamos causando a diferença em diversas áreas fora do nosso país, na Europa, nas Américas, e em outros continentes, temos de dizer que somos africanos, mais do que nunca, para as pessoas começarem a ver África de outra forma. Muita gente me dizia nos Estados Unidos: “Mas tu não pareces africano, pareces dominicano, pareces muito latino.”, e eu já falava espanhol, seria fácil fingir ser de outra nacionalidade. Outros perguntavam: “Mas tu cresceste mesmo em África?”, e eu respondia: “Eu não só cresci lá como sou mesmo africano, não é só ter ou não ter família africana, eu sou mesmo de lá, sou africano puro.”

Nós temos de nos recordar que África também é um mundo, é muito variada e existem maus exemplos, mas há muito bons exemplos também. Conhecemos artistas que estão na América e são africanos, e muitas vezes tentam revelar umas coisas e não revelar outras, e assim vão retirando, mesmo que não seja de modo deliberado, o mérito de África. Com orgulho verdadeiro faço questão de dizer que sou africano e não o vou negar nunca. Mesmo tendo vivido em Espanha e nos Estados Unidos, o que sou mesmo é africano e o melhor que tenho vem mesmo da minha ‘mãe’ África.

“Eu não só cresci lá como sou mesmo africano, não é só ter ou não ter família africana, eu sou mesmo de lá, sou africano puro.”



DO SONHO AO SUCESSO

A vida e a carreira



PRÓLOGO

//



“o mundo dá muitas voltas”. Repetimos com frequência o ditado, mas não atentamos para a força da ideia propriamente dita..

Nasci num país massacrado pela guerra civil. Aos cinco anos de idade, fui diagnosticado com uma doença rara, sem cura. Já trabalhei mais de 12 horas por dia, nos mais diferentes empregos, como imigrante. Sofri *bullying* tão dura e frequentemente que quase desisti da vida. Mas, nas voltas que o mundo dá, cheguei ao topo do sucesso como o artista angolano de maior projeção internacional da atualidade.

Às vezes, vemos uma pessoa na rua a pedir esmolas, e muita gente pensa (inclusive ela) que nunca terá um futuro melhor. Outros, até em condições melhores, mas difíceis, também se sentem perdidos.

Por experiência própria, posso dizer que nunca é tarde para ser alguém e mudar de vida. Isto é superação, independente das conspirações e dos coros dos contrários. Sobretudo, quando as vozes negativas soam dentro de nós mesmos.

Todos os dias a vida nos dá oportunidades, e podemos contar com a ajuda de Deus em cada uma das nossas decisões. Foi mesmo graças a Deus que consegui superar todos os obstáculos e sofrimentos. Mesmo sem querer enfatizar tanto o aspeto religioso, não posso deixar de mostrar a minha relação com Deus, pois ela é muito importante, e se eu escondo isto, ficará a faltar uma peça fundamental da minha história.

Apesar das coisas más e injustas pelas quais tive que passar, não sou um revoltado com o mundo. Muito pelo contrário. Sou grato ao carinho de tantos fãs que acompanham o meu trabalho e são também responsáveis pelo sucesso que consegui.

Agrada-me mostrar aos jovens e aos miúdos que estou no topo desde 2006, e nem por isso preciso de ser arrogante, usar drogas ou ter manias. Sou uma pessoa normal. O sucesso não devia transformar-nos naquilo que não somos.

Não sou do tipo que diz “passei por isso e aquilo, e o que tenho agora é o mínimo que podia esperar, depois de sofrer o que sofri”. Penso exatamente o oposto, quero que a minha vida seja um exercício de graça e gratidão.

PRIMEIRA PARTE

MULTIDÃO E SOLIDÃO

Por vezes quando termino um concerto, fico a pensar no *inquieto oceano da multidão*. É um completo contraste com a primeira cena que recordo da minha vida: cinco anos de idade, sozinho, sentado numa poltrona em casa da minha avó paterna, em Luanda.

Lembro-me nitidamente daquela poltrona muito gira, de tecido aveludado vermelho *bourdeaux* e creme, as folhas de palmeira no desenho. Enquanto olho a madeira do teto, balanço vigorosamente a cabeça, com tal gosto e empenho que chego a magoar-me.

Aquela não foi a única vez, vieram muitas, e muitas, e muitas outras. Tantas vezes que a minha mãe, preocupada, decidiu levar-me ao médico. Ele comentou que algumas pessoas com aquele tique nervoso, às vezes, revelavam vocação para a música, e diversos bateristas e cantores tinham feito ou faziam aquilo.

Ela não ficou, obviamente, aliviada com a explicação, mas hoje a lembrança tem piada, pois acabou sendo, sem querer, premonitória.

Não sei quantas almofadas ficaram marcadas ou escurecidas com o atrito das batidas da minha cabeça, mas eram tantos os embates e embalos que me nasciam 'galos' na testa. Esse gesto me acompanhou na infância, inclusive na hora de dormir. Contraditoriamente, as batidas irrequietas sossegavam-me e, se bem me lembro, eram o único modo de me acalmar quando a ansiedade tomava conta de mim.

Preocupava-me não conseguir parar de fazer aquilo. Como ia construir uma família? Como ia explicar aquele comportamento à minha mulher e aos meus filhos? No futuro iria interessar-me por outras formas de *beats*, mas a do tique só interrompi pouco antes do meu casamento. De vez em quando, volto a balançar e a bater a cabeça, mas só quando estou mesmo muito inquieto, ansioso ou nervoso.

Nasci no dia 12 de março de 1981, em Luanda. Meu nome é Anselmo porque meu pai decidiu homenagear o seu maior amigo, um tenista chamado Anselmo, já falecido. Ralph é também uma homenagem, mas indireta e ao acaso. Minha mãe, na maternidade, estava a ler uma revista, viu um ator russo numa reportagem, um tal de Ralph, e pensou: “O nome vai ser Anselmo Ralph”.

Não nasci sozinho. Vim ao mundo com uma irmã gêmea, mas esse nascimento a dois não prenunciou uma infância cheia de companhias e amizades. Eu bem gostava de ficar sozinho no meu quarto. Havia lá uma cama, um guarda-fatos e um ar condicionado – que, de vez em quando, precisava de ser descongelado, pois chegava a esfriar de um jeito que dele podiam brotar pedras de gelo.

Um tanto quanto caótico era o meu quarto; a desarrumação espelhava-me. Em ‘harmonia’ com isso, havia também outras tantas coisas desconstruídas, como por exemplo rádios ‘esquartejados’ à espera de salvação. O tentar consertar era consequência direta da exigência dos nossos pais de que devíamos cuidar do que nos pertencia. Por isso, se as coisas se quebrassem, nos obrigávamos a tentar arranjá-las. Lembro-me de um rádio que, para não deixar de funcionar, precisava ficar ligado o tempo todo; no dia em que experimentei o contrário, nunca mais funcionou. Desmontei, tentei reanimá-lo, mas já não consegui juntar todas as peças.



No entanto, não fui uma criança curiosa. Ainda assim, eu ficava mais do que curioso, impaciente mesmo, quando alguém começava a contar uma história e a interrompia:

– Vai, conta logo, pá. Eu quero mesmo saber.

Tal como queria mesmo desmontar e remontar todas aquelas coisas, fazer com que voltassem à vida. Era ciumento daquelas pequenas coisas.

Como continuo a ser até hoje com tudo o que amo.

“Minha mãe, na maternidade, estava a ler uma revista, viu um ator russo numa reportagem, um tal de Ralph, e pensou: O nome vai ser Anselmo Ralph.”





“Não sei dizer exatamente quando isso aconteceu, mas, em certo dia de 1986, os músculos das pálpebras deixaram de funcionar. Sentir que os músculos responsáveis pelos movimentos dos olhos estão a falhar é desesperador.”

Além do guarda-fatos embutido, havia no meu quarto um outro, atulhado com todos os meus brinquedos: carros, bonecos – desses de luta, de ação como o Homem-Aranha, as Tartarugas Ninja... Divertia-me com aqueles brinquedos de fantasia, inclusive nos finais de semana, ora passados na casa dos nossos avós, ora de outros parentes e de vizinhos amigos. Desfrutávamos da companhia dos nossos primos, e também da *Turma da Mônica*, num parquezinho amarelo e vermelho. Não fomos crianças com muitos mimos, exceto aqueles realmente pequenos, como os gelados ou os passeios.

Ceguei a ter um gato de estimação mas hoje não gosto de gatos. Talvez porque o Cabeça Grande, um certo dia, sem quê nem porquê, voltou-se contra mim. Partiu-me o coração. O que havia de errado comigo ou o que terei feito para desagradar tanto ao Cabeça Grande? Nunca soube. Nunca saberei.

Ao longo da vida também tive alguns cães, mas já não tenho. Neste caso, porque não disponho do tempo para lhes dar a atenção de que eles precisam – e merecem. Um cão sente, de verdade, e precisa do tempo e da dedicação do seu dono. Nunca é um fingidor. Então, prefiro não ter, ao invés de deixar ao relento, como muita gente faz.

A infância e a doença

Traquino e tímido, gozão e fechado ao mesmo tempo, eu era assim. Gozão apenas com os da família e os amigos mais próximos; na maioria das vezes eu preferia brincar sozinho.

A infância seguiu-se normal e despreocupada, até mais ou menos os meus cinco anos de idade, quando o destino me atingiu como um forte soco nos olhos. Não sei dizer exatamente quando isso aconteceu, mas, em certo dia de 1986, os músculos das pálpebras deixaram de *funcionar*. Sentir que os músculos responsáveis pelos movimentos dos olhos estão a falhar é desesperador.